

DO *PATHOS* DA VIDA FÁTICA – A DIMENSÃO ÉTICA NA ONTOLOGIA DOS AFETOS EM HEIDEGGER E ARISTÓTELES

Marília Mendonça de Souza Leão Santos¹; Thiago André Moura de Aquino²

¹Estudante do Curso de Filosofia (CFCH-UFPE). E-mail: marilia__leao@hotmail.com

²Docente/pesquisador do Depto de Filosofia (CFCH-UFPE). E-mail: tama_aquino@hotmail.com.

Sumário: O presente trabalho consiste em uma análise genealógica da *disposição afetiva* (*Befindlichkeit*) – assinalada por Martin Heidegger a partir do tratado “*Sein und Zeit*” e nas demais preleções tardias da década de 1920 – enquanto o modo fundamental em que toda a existência se arraiga e se encontra. Com o fito de delinear a maturação do trato heideggeriano dos fenômenos afetivos, propomo-nos a investigar – tendo esteio na *análítica existencial do Dasein* – o percurso filosófico seguido pelo jovem Heidegger leitor de Aristóteles; interlocutor privilegiado que, analogamente, dedicou-se à perquirição sistemática dos afetos. Partindo da indicação deixada pelo fenomenólogo – “o fato de que a interpretação ontológica dos princípios do afetivo em geral desde Aristóteles apenas pôde dar um passo adiante que fosse digno de menção” (HEIDEGGER, *Sein und Zeit*, p. 397) –, retornamos ao *corpus aristotelicum* para inquirir os aspectos centrais e decisivos de tal reflexão, voltando-nos, com maior atenção, aos diversos sentidos assumidos pelos vocábulos *diathesis* (διάθεσις), *pathos* (πάθος) e *hexis* (ἕξις) e aos termos de sua subsequente reinterpretação e articulação no assentamento da noção de *Befindlichkeit* como estatuto originário da existência humana. Apontados os tópicos mais cruciais da ontologia aristotélica dos afetos, ocupamo-nos da reapropriação hermenêutica de tais tópicos nas preleções ministradas por Heidegger, em Marburg, no início da década de 1920 e, concomitantemente, da elucidação gradual do que está em jogo na apreensão singular da complexa estrutura dos afetos exibida em “*Sein und Zeit*”: o que indica Heidegger com o uso do termo *Befindlichkeit* é o mais conhecido e cotidiano dos fenômenos da vida fática: o estado de ânimo, o humor, ou mais especificamente, *o estar sintonizado em um humor*. A disposição afetiva: “ataca de repente. Não vem de ‘fora’, nem de ‘dentro’, mas, como modo de ser-no-mundo, vem à tona a partir do ser-no-mundo” (2012¹, §29, p. 391); isso é, dá-se como uma *afinação* que modaliza a existência humana segundo determinadas possibilidades de seu ser. Tomada a *Befindlichkeit* para além das emoções e dos sentimentos particulares e estritos, apontamos – a título conclusivo – para uma indissociável relação entre *agir* e *estar afetivamente disposto*: estar disposto é, antes do mais, a forma intrínseca na qual a nossa existência já sempre se *autocompreende*.

Palavras-chave: Afeto; Afinação; Dasein; Disposição Afetiva;

INTRODUÇÃO

A colocação dos afetos como aspecto capital ao entendimento da condição humana situa-se à contramão da tendência secular da tradição filosófica ocidental que, em geral e na maioria das vezes, os concebeu como fenômenos contingentes e subsidiários. Com efeito, Martin Heidegger é quem primeiro confere aos fenômenos afetivos o estatuto de maioria ontológica, sinalizando um caminho para a sua apropriação; mas, se lançarmos

os olhos para os indícios que o nortearam até lá, encontraremos, antes do mais, as elucubrações de Aristóteles; cuja presença é uma constante significativa nas produções anteriores à publicação de “*Sein und Zeit*”. A dimensão da influência aristotélica na tessitura da *analítica existencial* tem ganho contornos mais nítidos recentemente, em virtude dos estudos de alguns nomes como Hans-Georg Gadamer, Jacques Taminiaux e Franco Volpi e da publicação dos cursos ministrados em Marburgo na década de 1920 – “*Grundbegriffe der aristotelischen Philosophie*” (1924) e “*Platon: Sophistes*”, de 1924/1925 –, que apresentam uma articulação entre o projeto da *hermenêutica da faticidade e a filosofia da práxis* aristotélica. Uma investigação genealógica da noção heideggeriana de *Befindlichkeit*, conforme definida em “*Sein und Zeit*”, nos direciona, pois, para aquelas lições sobre Aristóteles e Platão ministradas por Heidegger em Marburgo, nas quais encontramos os conceitos *diathesis* (διάθεσις), *pathos* (πάθος) e *hexis* (ἕξις) como alicerces para a especulação filosófica das disposições afetivas. Em adição ao fato filológico de que o vocábulo *Befindlichkeit* primeiro aparece na obra de Heidegger como uma tradução da noção aristotélica de διάθεσις (*disposição*)³, o próprio Heidegger dá dicas precisas de tal relação em sua análise da *Befindlichkeit* quando se refere a Aristóteles como o primeiro filósofo a ter investigado os πάθη (*paixões*), em sua “*Retórica*”. Heidegger considerou que a “*Retórica*” aristotélica constitui a primeira hermenêutica sistemática da faticidade do *ser-com-os-outros*⁴ e, portanto, a viu como particularmente relevante para a compreensão básica da vida afetiva e dos humores que a acompanham e que, em nível ontológico, foram dela erroneamente separados. Cabe aqui ressaltar que, ainda que a nossa proposta de retomar as lições de Aristóteles tenha o intuito de discriminar sua salutar contribuição à descrição fenomenológica dos afetos, nossos apontamentos acerca da gênese conceitual das disposições afetivas não objetivam uma correspondência entre os textos aristotélicos e as interpretações de Heidegger nem tampouco uma apreciação do grau de distorção ou correteza entre seus respectivos conteúdos. Interessa-nos, antes, avaliar os conceitos originários e a sua reapropriação como uma liberação de um possível horizonte de compreensão do pensamento aristotélico; que, aos nossos olhos, não se mostra como uma soma de lições estanques e acabadas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Como é sabido, a Filosofia frequentemente se reinventa através dos movimentos de retorno e reapropriação dos conceitos consolidados no âmago de sua tradição; de maneira análoga procedeu Heidegger ao voltar-se para o *corpus aristotelicum*, ressignificando singularmente seus conteúdos. Em virtude dessa movimentação e da nossa escolha de norte teórico – a saber, a analítica existencial do *Dasein* – julgamos crucial partir das obras de Heidegger em direção às aristotélicas; ademais, a temática abordada nos conduziu a uma delimitação temporal: a produção do jovem Heidegger dentre os anos 1920 a 1930 – época que coincide com o seu período de formação e na qual se encontram explicitamente presentes as problematizações e a influência do pensamento aristotélico. Dentre as obras desse ínterim, nos enfocamos naquelas que contemplam, mais detidamente, os preceitos gerais da fenomenologia e da tessitura da ontologia fundamental do *Dasein*; são elas: “*Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles*” (1921/22); “*Ontologie – Hermeneutik der Faktizität*” (1923); “*Grundbegriffe der aristotelischen Philosophie*” (1924); “*Platon: Sophistes*” (1924/25); “*Sein und Zeit*” (1927) e “*Die Grundbegriffe der Metaphysik Welt-Endlichkeit-Einsamkeit*” (1929/1930). Feita a leitura das obras

3. Cf. KISIEL, Theodore. “The Genesis of Heidegger's 'Being and Time'”. Berkeley: 1993, p. 293.

4. Cf. HEIDEGGER, Martin. “*Sein und Zeit*”, GA 2, p. 138.

supracitadas, nos centramos nos tratados de Aristóteles em que residem os exames mais minuciosos acerca dos afetos: “Sobre a Alma”; “Retórica” e “Ética Nicomaqueia”, sem suprimir, contudo, as remissões assistemáticas espalhadas pelo *corpus aristotelicum*. Consoante o exposto, a metodologia empregada para a execução da nossa pesquisa consistiu no levantamento bibliográfico minucioso das noções pertinentes no âmbito do recorte cronológico já mencionado. Atentando para a importância dos aspectos linguísticos e filológicos na interpretação que propusemos, procedemos à pesquisa da temática indicada através de uma análise comparativa entre diversas traduções consagradas e os textos originais nas línguas grega clássica e alemã.

RESULTADOS

Nossa pesquisa esclareceu aspectos fundamentais do radical tratamento dado por Martin Heidegger à dimensão afetiva da existência (*Befindlichkeit*) a partir da investigação – norteada pela *hermenêutica da faticidade* – da genealogia filosófica de tal noção, i.e., desde o cenário especulativo de seu surgimento e o princípio da sua maturação: as lições da filosofia prática aristotélica. Fornecemos uma apreensão sólida da *Befindlichkeit* desde a sua gênese através de um cuidadoso levantamento conceitual dos termos que a ela se aparentam. Nossos resultados, *grosso modo*, dividem-se em dois eixos principais: I) o delineamento dos sentidos diversos dos termos *diathesis* (διάθεσις), *pathos* (πάθος) e *hexis* (ἕξις) na constelação do pensamento de Aristóteles e II) o esclarecimento da apropriação heideggeriana destas noções.

DISCUSSÃO

A despeito da notória oscilação semântica dos usos aristotélicos do termo *pathos* – vigente nas pesquisas naturais, metafísicas e éticas –, é possível aventar certos indícios textuais que corroboram a apreensão do afeto nos acordos propostos por Heidegger, quer dizer, enquanto aspecto constitutivo da própria maneira pela qual nós mesmos, os outros e as coisas se tornam acessíveis naquilo *que e como* são, isso é, em seu *ser*. Na “Retórica”, Aristóteles define *pathē* como “todos os sentimentos que alteram os homens pela afecção de seus julgamentos e que são, também, perpassados pela dor e pelo prazer. Tais são a ira, a pena, o medo e seus semelhantes, bem como seus opostos⁵” (BARNES, 1991, 1378a21, p. 54). Analogamente, na “Ética Nicomaqueia”, a noção de *pathos* designa “apetite, ira, medo, confiança, inveja, alegria, amor, ódio, saudade, piedade e, em geral, aquelas afecções acompanhados por prazer ou dor⁶” (BARNES, 1991, 1105b21, p. 23). Ao dar-se conta de que os fenômenos afetivos têm a potencialidade de suscitar mudanças nas deliberações e ações humanas, Aristóteles os assinala como uma espécie de *movimento* que inevitavelmente nos atravessa e nos arremessa em certas paixões; assim, a afecção incide sobre a existência e suas possíveis ocupações de maneira incisiva e avassaladora; motivo pelo qual dirá o estagirita que, mesmo à nossa revelia, podemos ser arrastados, por exemplo, para o ápice da ira ou do temor (Cf: BARNES, 1991, 1106a3 – 1106a6, p. 24). Com efeito, foi Aristóteles quem primeiro teve olhos para ver, na amálgama dos significados imbricados no conceito de *pathos*, sua indissociável relação com a vida concreta; relação que nas mãos de Heidegger foi acolhida e estendida à sua máxima radicalidade ontológica: o *pathos*, *longe de ser qualquer intuição ou percepção, é o modo fundamental de abertura do ser-aí (Dasein); é o sustentáculo de toda e qualquer modalidade afetiva particular.*

5“The emotions are all those feelings that so change men as to affect their judgements, and that are also attended by pain or pleasure. Such are anger, pity, fear and the like, with their opposites.” Tradução nossa.

6“By passions I mean appetite, anger, fear, confidence, envy, joy, love, hatred, longing, emulation, pity, and in general the feelings that are accompanied by pleasure or pain.” Tradução nossa.

CONCLUSÕES

Com efeito, a análise dos afetos em Aristóteles revela o *pathos* como um modo de ser tomado do *Dasein*; as possibilidades e modos deste ser-tomado emergem do *Dasein* em si mesmo; as possibilidades desse ser-tomado do *Dasein* como ser-no-mundo não envolvem, pois, nada que pudéssemos designar como um afeto peculiar ou um dado estado de espírito. *Pathos* é, pelo contrário, sempre um ser tomado dos entes enquanto coisas vivas. *Hexis*, por sua vez, é um modo, sempre afetivo, de ser-no-mundo. A *Befindlichkeit* – que se adereça, concomitantemente, às afinações afetivas e ao caractere originário da encontrabilidade – não remete a experiências psíquicas *na* consciência mas é o ser tomado dos seres humanos enquanto seres-no-mundo. Isso é expresso pelo fato de que a totalidade, o contexto total do acontecimento, já é afetivo; ansiedade, alegria etc não são sintomas externos que encontramos e por eles nos deixamos tocar mas pertencem ao ser característico dos seres humanos. Disso se depreende que a ontologia heideggeriana se realiza nos termos de uma *hermenêutica da existência* – a ser tomada para além do sentido “tão estrito de uma teoria da interpretação” (HEIDEGGER, 2012², p. 21) –; ela é, ao revés, a forma intrínseca de ser na qual o *ser-aí se autocompreende*, em sua faticidade, *de maneira pré-teórica*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CNPq pela concessão que possibilitou a realização desta pesquisa e aos professores Thiago André Moura de Aquino e Sandro Márcio Moura de Sena, cujos ensinamentos foram fundamentais no esclarecimento da estrutura existencial dos afetos.

REFERÊNCIAS

- Barnes, J. (Org.). **Obras Completas de Aristóteles**. Tradução Revisada de Oxford, Vol. I & II. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- Berti, E. **Aristóteles no Século XX**. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Editora Loyola, 1997.
- Heidegger, M. **Conceitos Básicos da Filosofia Aristotélica**. Tradução de Robert D. Metcalf and Mark B. Tanzer. Indiana: Indiana University Press, 2002.
- _____. **Conceitos Fundamentais da Metafísica – Mundo – Finitude – Solidão**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- _____. **Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- _____. **Ontologia – Hermenêutica da Faticidade**. Tradução de Renato Kirchner. Petrópolis: Editora Vozes, 2012².
- _____. **O Sofista - Platão**. Tradução de Richard Rojcewicz e André Schuwer. Indiana: Indiana University Press, 1997.
- _____. **Ser e Tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Coleção Multilíngues de Filosofia da UNICAMP. Petrópolis: Editora Vozes, 2012¹.
- _____. **O que é Isto – a Filosofia?**. In: Heidegger – Coleção Os Pensadores. Tradução e Organização de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 219.
- Sena, S. Mundano, Demasiado Mundano: Filosofia como Problema da Liberdade a partir de Heidegger e Aristóteles. In: **Ekstasis**, Vol. II, Nº II, 2013.
- Volpi, F. **Heidegger e Aristóteles**. Tradução de Maria Julia de Ruschi. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica de Espanha, 2012.
- _____. Dasein como Práxis. In: **Ensaios Críticos – Heidegger**. London: Routledge, 1996.
- Wu, R. Ontologia da Phronesis. In: **Veritas**, Vol. 56, Nº 1, 2011, pp. 95-110.